

Leandro

Edictor Proprietario  
João Martins de Athayde

9

---

**UMA VIAGEM  
AO CÉO**

---

**PELEJA DE  
Patricio com Ignacio da  
CATINGUEIRA**

---

Preço da Caza 300 réis  
A venda na Rua do Rangel n. 184 Recife

---

E no Mercado Modello n. 158 Agente  
José Amaro Rodrigues BAHIA

---

Na Rua das Verduras n. 27 Agente Benedicto  
Claudino dos Santos MACEIÓ

---

**RECIFE PERNAMBUCO**

---

## Uma Viagem ao CÊO

Uma vez eu era pobre,  
Vivia sempre atrazado  
Potei um negocio bom,  
Porem vendi-o fiado  
Um dia até enprestei  
O livro do apurado.

Dei a balança de esmola  
E fiz lenha do balcão,  
Desmanchei as partileiras  
Fiz della um marquezão,  
Porem roubaram-me a cama  
Fiquei dormindo no chão.

Estava pensando na vida  
Como havia de passar  
Não tinha mais um vintem  
Nem geito para trabalhar,  
O marinheiro da venda  
Não queria mais fiar.

---

Puz a mão sobre a cabeça  
 E fiquei pensando na vida  
 Quando do lado do céu  
 Chegou um' alma perdida,  
 Perguntou; era o senhor  
 Que aqui vendia bebida.

Eu disse que éra eu mesmo  
 E a venda estava quebrada  
 Mais se queria um pouquinho  
 Eu ainda o tinha guardada,  
 Obras de uns dois garrafões  
 De aguardente immaculada.

Me disse a alma; eu acceito  
 E lhe agradeço eternamente *e*  
 Porque moro no céu, ~~mas~~ lá  
 Inda não entra aguardente,  
 São ~~pedro~~ *pedro* inda plantou canna *não*  
 Porem ~~perdeu~~ a semente,  
*que*

Bebeu obra de tres contas  
 Ficou muito satisfeita  
 Disse; aguardente correcta  
 Immaculada direita,  
 Isso é o que chamo bebida  
 Essa aqui ninguem engeita,

---

Perguntei-lhe, alma quem és?  
 Disse ella; tua amiga  
 Vim te dizer que te mudes  
 Aqui não dá nem intriga,  
 Quer ir para o céu commigo?  
 Lá é que se bota barriga.

E lá subi com a alma  
 Num automovel de vento  
*e* ~~Então~~ a alma me mostrava  
 Todo aquelle movimento,  
 As maravilhas mais lindas  
 Que existe no firmamento

Passamos no purgatorio  
 Tinha um pedreiro caindo  
 Mais adiante era o inferno.  
 Estava um diabo cantando,  
 E a alma de um nova-ceita  
 Presa num tronco apanhando,

Afinal cheguei no céu  
 A alma bateu na porta  
 Com pouco chegou S. Pedro  
 Que andava lá pela horta,  
 Perguntou-me: esta pessoa  
 Inda é viva ou já é morta,

---

Então a alma respondeu;  
E' vivo estava no mundo  
Não tinha do que viver  
Está feito um vagabundo,  
Lá quem não fôr do governo  
Passa fome e vive immundo.

S. Pedro ahi perguntou  
O mundo lá como vaê ?  
Eu ahi disse: meu santo  
Lá, filho rouba do paê ,  
Estava se vendo o instante  
Que o mundo por cim de nós caê

Eu inda levava um resto  
Da gostosa "immaculada" i  
Dei a elle e elle disse  
Aguardente raciada '  
*Xme* E ahi disse; entre,  
Aqui não lhe falta nada.

Arrastou uma cadeira  
E mandou eu me assentar  
Chamou um criado d'elle  
Disse: cuide em se arrumar,  
Vá dentro e diga á ama  
Que bote um grande jantar.

---

Quando acabei de jantar  
O santo me convidou  
Disse vamos lá na horta  
Fui lá elle me mostrou,  
Coiza que admirava  
E tudo me embelezou.

Vi na horta de são Pedro  
Arvorêdos bem criados  
Tinha pés de patações  
Que estava carregados,  
Pés de libras esterlinas  
*que* ~~isto~~ Já estavam deitados

Vi cerca de queijo Prata....  
E lagôa de qualhada,  
Atoleiros de manteiga  
Matta de carne guizada,  
Riacho de vinho do porto  
Só não tinha immaculada.

Prata de 500 réis  
Elles lá chamam caipóra  
Botava trabalhadores  
Para jogar tudo fóra,  
Esses nikeis de cruzados  
Lá nascem de hora em hora,

Então S, pedro me disse;  
 Quero fazer-lhe um presente.  
 Quando você for embora  
 Quero lhe dar uma semente,  
 Você vai mesmo escolher  
 Aquella mais excelente,

Deu-me 10 pès de dinheiro  
 Alguns querendo botar  
 Filhos de queijo do reino  
 Já querendo safrejar,  
 Uns caroços de brilhante  
 Para eu na terra plantar

De galhos de libras esterlinas  
 Deu-me 120 pés  
 Deu-me um sacco de semente  
 De cédulas de 100\$000,  
 Deu-me maniva de prata,  
*de* diamante umas dez.

Ahi chamou Santa Barbara  
 Esta veio com atenção  
 São Pedro então disse;  
 Eu quero uma arrumação!  
 Este moço quer voltar  
 Arranje-lhe a conducção,

---

*lhe*

Bote a cangalha n'um raio  
 E a sela num trovão,  
 Veja se arruma um corisco  
 Para elle levar na mão,  
 Porque daqui para terra  
 Existe muito ladrão.

Fu descí do céu alegre  
 Commigo não foi ninguém;  
 Passei pelo purgatorio  
 Ouvei um grito muito além,  
 Era a velha minha sogra  
 Que dizia eu vou também..

Eu lhe disse; minha sogra ~~a~~  
 Eu não posso conduzir, ..  
 Ella me disse; eu lhe mostro  
 Porque razão hei de ir,  
 De mão ~~de~~ tôr apago o raio  
 Quero ver você seguir.

Nisso o raio se apagou  
 Desmantelou-se o trovão  
 O corisco que eu trazia  
 Escapuliu-me da mão,  
 E tudo quanto eu trazia  
 Caiu dessa vez no chão.

---



Ahi a velha voltou  
Rogando praga e uivando  
Quando entrou no purgatorio  
Foi se mordendo e babando,  
Dizendo tudo de mim,  
Lançando fogo e falando.

Bem dizia meu avô:  
Sogra nem depois de morta  
Fede a carniça do corpo  
A lingua da alma corta,  
Não diz assim quem não vio  
Uma sogra em sua porta.

Eu vinha com isso tudo  
Que o santo tinha me dado  
Mais minha sogra apanhou  
O diabo descuidado,  
Fiquei peor do que estava  
Perdi o que tinha achado.

E quando cheguei em casa  
A mulher quase me come  
Inda pegou um cacête  
E me chamou tanto nome,  
Disse que eu casei com ella  
Para mata-la de fome.

---

Se não fosse minha sogra  
Eu hoje estava arrumado  
Mais ella no purgatorio  
Achou tudo descuidado,  
Abriu a porta e damnou-se  
Veio deixar-me emcaiporado

Nunca mais voltei ao céu  
Para falar com são pedro  
E inda mesmo que possa  
Não vou porque tenho mêdo  
Posso encontrar minha sogra  
E vaê de novo outro enrêdo

FIM

Recife 13 de Jaaeiro de 1926

## PELEJA DE PATRICIO COM

### IGNACIO DA CATINGUEIRA

---

Me chamo José Patricio  
Da Siqueira Patriota,  
Dou tapa que arranco dente  
Dou murro que descangota,  
Cantador que vem a mim  
Só pode contar derrota.

Ignacio-me baptizei por Ignacio  
Por alcunha Catingueira  
Me criei no pyancô  
Mas aprendi no Teixeira,  
Fiz mais de dez mil carniças  
Logo ao subir da Ladeira

Patricio-Ignacio canta com geito  
Que eu não sou de brincadeira  
Eu torço braúna velha  
Faço tacho de arueira,  
Pizo pedra no pilão  
Faço põ de catingueira.

Ignacio-Patricio você se engana  
Cuidado mais na carreira  
No sertão que você foi  
Nunca nasceu arueira,  
Deus o livre que você  
Vá por sonho a catingueira.

---

Patricio—Ignacio vou te avizar  
 Fazer-te uma caridade  
 Meu braço tem muito peso  
 Meu genio rigidade,  
 Se cahires na minhas unhas  
 Encontras barbaridade.

Ignacio—Patricio eu já sou passado  
 E um passado não me illude  
 Eu nunca encontrei um peso  
 Que por grande eu não me ajude,  
 Quira Deus no fim da cauza  
 Seu pensamento não mude,

Patricio—você parece que entende  
 Que eu sirvo de brinquêdo  
 Eu zombo de tempestade  
 Curisco não me faz mêdo  
 Espero pela desgraça  
 Que há de chegar muito cêdo

Ignacio—Patricio se accommode  
 O senhor não é leão  
 O leão mesmo é feroz  
 E um dia perde acção,  
 Um homem dá cabo d'elle  
 Mata-o, bota-o na prizão.

---

Patricio-Nada tenho haver com isto  
Pouco me emporta o leão  
Quando eu nasci a parteira  
Gritou, nasceu um Sanção,  
Mandaram ver minha sina  
Viram os signaes de Roldão.

Ignacio-Vossa mercê tem Sanção  
Como objecto ou modello?  
Um homem que sua força  
Estava toda em um cabelo,  
Leia o livro de Roldão  
Veja agora o desmantello.

Patricio-Sanção teve muita força  
Roldão foi o rei dos guerreiros  
Pois não poudede ceder a elle  
Nem mesmo, o proprio Oliveiros,  
Sendo o nome mais temido  
Dos luctadores primeiro.

Ignacio tem estes homem  
Como uma admiração  
Parece que fica amplo  
Quando se falla em Sanção,  
Para mim o mais valente  
Foi o que matou Roldão.

---

Patricio oh! negro não me replicas  
Se não eu com pouco me agasto  
E se eu sahir dos limites  
Cai um pedaço de astro  
Faço do seu couro mala  
Los ossos cama de lastro.

Ignacio-E eu pretendo fazer  
De seu couro um cinturão  
Das canellas dois cacête  
Dos braços mão de pilão  
Da cabeça uma panella  
Do pescoço um butijão,

P. Ignacio estaes esquecido  
Do que já te fez Romano  
Pois eu agora te provo  
Que agora sou mais tyrano  
Te deixo cêgo seis mezes  
E aleijado mais de um anno

I.-Sr. Romano nada fez-me  
Pois teve mêdo de mim  
Valeu-se da escriptura  
Para poder dar-me fim  
Teve mêdo que ficou  
Branco da côr de um marfim.

---

Patricio-Ignacio abre teu olho  
Que eu já tinha projectado  
Antes de sahir da'qui  
Fazer de ti um guizado,  
E nunca fiz um calculo  
Que não visse resultado.

Ignacio-Eu convidei tres pessôas  
Para comer um mesticio...  
Um delles foi hugulino  
Que é mestre de meu officio,  
Já convidou muita gente  
Para almoçar do patricio.\*

P-Ainda o meu inimigo  
De minha carne não compra  
Se você metesse nisso  
Encontra um mulato estrompa,  
Meu couro é d'um aço sècco  
Não há metralha que o rompa.

I-Para mim torna-se molle  
Macio como uma grama  
Não hà aço por ser forte  
Que a ferrugem não o coma,  
Ainda que você se valha  
Do padre santo de Roma.

---

Patricio-Ignacio fosses escravo  
Não tivesses educação  
Sempre o commum de escravo  
E' nunca ter creação,  
Pois quer tomar liberdade  
Com o senhor ou o patrão?

Ignacio-sr. Patricio, eu fui escravo  
Porém tive estimação  
Uma senhora que tive  
Andou commigo na mão,  
O senhor não nasceu livre?  
Que dê sua educação?

P-Meu pai éra um homem pobre  
Não me podia educar  
Torem aprendi a ler  
Perfeitamente a contar,  
Não tenho traços de negro  
Se vê logo, onde eu falar.

Ignacio-Como tem o couro preto  
E o cabello pixaim?  
Os dentes alvos e largos  
As gengivas rôxas assim,  
Nas côres somos iguaes  
Estaes muito perto de mim.

---



Patricio sou moreno, reconheço  
Meu cabelo é pixaim,  
Porem homem n'este mundo  
Não deu dinheiro por mim,  
Não és tú que teus avós  
Vendidos tiveram fim.

Ignacio-Sr. Patricio esta me obriga  
A ficar muito agastado  
Em ouvir chamar moreno.  
A côr de cafè torrado  
Seu avô veio ao Brazil  
Para ser negociado.

P. Ignacio eu sei que conheço  
Os nossos antepassados  
Tratemos só da moderna  
Esquecemos os atrasados  
Acabemos com a discussão  
Ficaremos descançados.

Ignacio-isto assim è outra coisa  
Eu não lucto sem motivo  
Vossa mercê tambem esqueça  
O povo que foi captivo,  
Quem tem defuncto ladrão  
Não falla em roubo de vivo. FIM

---

# PROTESTO

Manoel Barreto n. 1241

Tendo conhecimento de que algum proce-  
ra escrever e editar as minhas nume-  
rosas obras populares de que sou  
exclusivo autor e proprietario illudido  
do assim a bofio se dos meus fregueses  
e apreciadores, protesto contra a  
absorção dos meus direitos garantidos  
dos pelos arts 649, 670 e 672, do  
capitulo VI do código civil brasileiro  
fazendo valer os meus direitos oportu-  
namente perante os tribunaes do Patz,  
já tendo requerido as certidões de que  
trata o artigo 67 do referido código.  
Sirva este meu protesto de aviso aos  
meus leitores e as autoridades de todas  
as circumscripções da republica a quem  
requeri não só apprenhenção como  
indemnizacão pelos danos causados.

Recife 20 de Fevereiro de 1921

João Martins de Athayde

EDITORA DOMINIA

BELEM

AR

CELAZZ

Execução com a maior brevidade e a menor custo possível

Impressão e distribuição em todo o Brasil



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).